

RESENHA

DESTUTT de TRACY. *Oeuvres complètes*. Ed. Claude Jolly. Volume I: *Premiers écrits; Sur l'éducation publique*. Paris: Vrin, 2011; Volume III: *Éléments d'idéologie*, 1. *L'idéologie proprement dite*. Paris: Vrin, 2012.

Os antípodas franceses de Kant

Pedro Paulo Pimenta

Professor de Filosofia Moderna na USP

A publicação na França pela editora Vrin dos primeiros volumes de uma edição das obras completas de Destutt de Tracy¹, promete preencher uma lacuna importante nos estudos de história da filosofia moderna, ao tornar acessível a obra do principal representante da corrente filosófica autodenominada "Ideologia", que vicejou durante os turbulentos anos da Revolução Francesa e prosperou sob a égide das instituições republicanas – primeiro a Escola Normal, posteriormente o Instituto – que substituíram as antigas academias e escolas reais. Entre 1794 e 1815 a Ideologia ("ciência das ideias", ou da "análise das ideias") dominou incontestemente a paisagem intelectual francesa, que logo a seguir seria conquistada por outra espécie de ideologia – a dos alemães. A hostilidade do Idealismo (e do Materialismo) frente à escola francesa pode ser medida pela condenação da Ideologia por Engels: a exemplo do Iluminismo, a nova filosofia burguesa apenas reifica, ao querer criticá-la, a realidade². Em que medida uma afirmação como essa se aplicaria, por exemplo, a uma obra como o monumental

1. DESTUTT de TRACY. *Oeuvres complètes*. Ed. Claude Jolly. *Volume I: Premiers écrits; Sur l'éducation publique*. Paris: Vrin, 2011; *Volume III: Éléments d'idéologie*, 1. *L'idéologie proprement dite*. Paris: Vrin, 2012.
2. Ver EAGLETON, T. *Ideologia*. Trad. Luis Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Boitempo/Unesp, 1997, pp. 66 – 69. Desnecessário acrescentar que Eagleton toma o partido de Engels.

Tratado de economia política (1804), de Jean-Baptiste Say, ligado à Ideologia, responsável pela libertação do pensamento econômico francês em relação aos dogmas dos fisiocratas, não nos cabe aqui examinar³. Certo é que o ataque de Engels passa ao largo do mais importante, pois o grande legado na Ideologia não é teórico, mas institucional. Graças ao empenho dos *idéologistes* (que Napoleão jocosamente apelidará de *idéologues*), o projeto de uma educação nacional pública e universal, formulado pelos deputados da Convenção (divisado por Condorcet), começa a se tornar realidade na época do Diretório (sob os auspícios de Garat e Lakanal); e sem o empenho dos Ideólogos não teríamos visto a "reorganização institucional da medicina"⁴ que marca a França do período revolucionário e define as feições modernas da clínica.

O projeto de uma ciência analítica das ideias não chega a ser original. Como reconhecem os seus principais adeptos (Tracy, Cabanis), a nova filosofia é inaugurada por Condillac, que, a partir de 1746, com a publicação do *Ensaio sobre as origens do conhecimento humano*, se projetara, nas palavras de Voltaire, como "o grande metafísico" da França do século XVIII. A essa obra inicial, Condillac acrescentaria, notadamente, o *Tratado das sensações* (1754), a *Lógica* (1780) e, por fim, *A língua dos cálculos*, que, publicada postumamente em 1798, representa a suma dos esforços do filósofo para forjar uma liga entre a ciência dos signos (gramática geral) e a ciência das ideias (lógica geral). A enorme influência de Condillac se faz sentir já nos artigos sobre linguagem e gramática que Dumarsais, e, posteriormente, Beauzée, redigem para a *Encyclopédie*, e torna-se decisiva quando, em 1794, após o golpe do Termidor, a Convenção institui em Paris a École Normale, academia de ensino destinada à formação de professores para os liceus nas províncias. Os pilares da educação pública são o ensino da língua francesa (em detrimento dos dialetos locais) e o da matemática (geometria, álgebra). Programa perfeitamente conveniente à filosofia de Condillac, que concebe a análise e a invenção como os métodos (complementares) de todo pensamento como *forma*, que se constitui, articula-se e se expande por meio do recurso a signos – sejam eles

3. O leitor pode decidir por si mesmo, consultando a impecável tradução do tratado realizada por Balthazar Barbosa Filho em SAY, J.-B. *Tratado de economia política*, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

4. As palavras são de FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*, cap. 04. Paris: PUF, 1963.

verbais, sejam algébricos. Na base dessa ciência dos signos encontra-se uma crítica da metafísica e do conhecimento em geral, que, como mostra Condillac (*Tratado dos sistemas*, 1742), muitas vezes não passa de uma deturpação metódica, mas falsa, dessa espécie de instinto natural dos homens que os leva, no conhecimento das coisas, do mais simples ao mais complexo. Educar nada mais é do que reconstituir os passos que os homens dão quando seguem a natureza – o que está ao alcance de todos, desde que devidamente orientados pelo filósofo (que conhece os caminhos que conduzem, no interior da cultura, ao encontro da natureza).

No curtíssimo período de sua existência (janeiro a maio de 1795), a Escola Normal, situada em Paris, mais exatamente no *Jardin des plantes* (no prédio que atualmente abriga a Galeria da Evolução), ofereceu cursos de matemática, física, química, história natural, geografia, história, moral, economia política, literatura, arte de falar e análise do entendimento, alguns deles ministrados por grandes nomes, como Laplace, Monge ou Daubenton. Transcritos por inspetores nomeados pela Convenção, tais cursos foram parcialmente publicados no século XIX, e, a partir desse material, encontram-se atualmente disponíveis em cuidadosas edições críticas⁵. A partir deles, podemos ter uma ideia da efervescência intelectual da França revolucionária. Embora a presença da filosofia de Condillac se encontre inequivocamente em outros cursos, em especial nos de geometria (Laplace), história (Volney) e economia política (Vandermonde), é nas classes de arte da fala (Sicard) e de análise do entendimento (Garat) que o seu legado é mais presente.

O paralelismo entre arte da fala e gramática, de um lado, análise do entendimento e lógica, de outro, simplifica um arranjo na verdade mais interessante. Como explica Garat em sua segunda lição, “à teoria das ideias está unida, de maneira imediata e íntima, a teoria da linguagem ou das línguas”, que examina “os meios de exprimir as nossas ideias”, ou seja, que determina o modo como o pensamento se articula, adquire precisão e acabamento⁶. Já Sicard, desde a primeira lição de seu curso, adverte que

5. Publicadas a partir da década de 1990, em quatro grossos volumes, pelas edições Rue d’Ulm, ligadas à atual École Normale Supérieure.

6. GARAT, D. J. *Leçons de l’analyse de l’entendement*, 2ª lição, ed. Gérard Gengembre: *L’école normale de l’an III. Leçons d’analyse de l’entendement, art de la parole, littérature, morale*. Paris: Éditions rue d’Ulm, 1999, p. 86

Falar é uma arte, mas nem todos os povos, mesmo os civilizados, falam com a mesma pureza, com a mesma exatidão, com a mesma riqueza de expressões e de formas de frases. Os que mais avançaram nas artes são também os mais ricos em nomenclatura; os que desenvolveram mais o entendimento e tiveram oportunidade de receber mais impressões, e têm, por conseguinte, mais ideias, têm também mais signos para exprimi-las e mais variedade na maneira de expô-las e de comunicá-las⁷.

O repertório de ideias enriquece a língua, que, por meio de analogias, forma termos e aumenta o vocabulário e as maneiras de expressão, tornando-se apta para abarcar cada vez mais fenômenos. Sem os signos, como advertira Condillac, não há progresso do conhecimento.

O curso de Sicard tem, porém, uma peculiaridade, que o destaca daquele de Garat, que é bastante convencional quanto à abordagem da questão. Para ensinar a arte da fala, ele ministra aulas dedicadas à formação de uma língua dos surdos-mudos. Maneira engenhosa de ensinar uma ciência que, por definição, parece estar ligada ao signo verbal, emitido pela voz (assim compreendem a gramática os grandes acadêmicos dos séculos XVII e XVIII). Para Sicard, na esteira de Condillac e dos gramáticos da *Encyclopédie*, o essencial da arte de falar não é a voz, mas os signos e o modo como eles ordenam e exprimem o pensamento⁸. Constitui-se, ao longo de suas lições (preservadas quase que integralmente), uma doutrina original, de caráter pragmático e finalidade republicana, cujo intuito é a educação dos surdos-mudos, visando a inclusão destes na esfera política ou na vida pública nacional francesa. Ao mesmo tempo, Sicard toma posição num debate que agita os estudiosos da linguagem na virada do século. Trata-se de saber se uma possível língua dos surdos-mudos seria feita a partir das línguas faladas ou se teria uma gramática própria⁹. Ora, para Condillac e os seus, uma língua nada mais é que um sistema de signos; que ela seja

-
7. SICARD, R.-A. C. "Leçons d'art de la parole", 1ª. lição. In: DHOMBRES, J. et DIDIER, B. *Leçons d'art de la parole*, 1ª lição, ed. Élisabeth Schwarz. *L'école normale de l'an III. Leçons d'analyse de l'entendement, art de la parole, littérature, morale*. Paris: Éditions rue d'Ulm, 1999, p. 235.
 8. Ver a respeito AUROUX, S. *La sémiotique des encyclopédistes*. Paris: Payot, 1979.
 9. Para os desdobramentos da discussão na Alemanha, ver o estudo de FORMIGARI, L. *La sémiotique empiriste face au kantisme*. Liège: Mardaga, 1994.

falada ou não, é uma contingência, que não tem força suficiente para alterar o encadeamento necessário dos signos, encontre-se ele nas línguas verbais ou na língua dos cálculos.

O ambicioso projeto a que tais doutrinas estavam vinculadas foi abortado com o fechamento da Escola Normal após poucos meses de atividade. Com a criação do Instituto Nacional, que funciona entre 1796 e 1803 (quando é dissolvido pelo Consulado), a tarefa da filosofia é outra, menos pragmática, trata-se agora de produzir “trabalhos científicos e literários que tenham por objetivo a utilidade geral e a glória da república”¹⁰. Apesar da mudança, permanece a marca da nova filosofia, que reclama para si a herança de Condillac ao mesmo tempo em que se vincula a instituições republicanas. No Instituto, encontraremos em atividade Sicard, Garat e Volney, ao lado de Destutt de Tracy e Cabanis, que se conheceram no salão de madame Helvétius (que atravessa incólume a Revolução), e aos quais caberá renovar o pensamento de Condillac e reinventar a ciência dos signos como “Ideologia propriamente dita”. A denominação – ausente em Garat ou em Sicard – representa uma virada importante, como explica Laurent Clauzade em seu estudo magistral, *L'idéologie ou la révolution de l'analyse*:

A palavra *Ideologia*, por implicar uma oposição à metafísica e postular uma identidade entre pensamento e percepção, inscreve diretamente a ciência que ela designa no paradigma inaugurado por Condillac. No entanto, contrariamente ao que acontece com Garat, esse enquadramento não representa uma restrição. Além das modificações significativas que Tracy introduzirá na concepção de análise de Condillac, a Ideologia dará a essa doutrina um sentido radicalmente diferente, ao abrir um horizonte de pesquisa que não se limita à análise racional. (...) A Ideologia pretende realizar a doutrina de Condillac. Isso significa que ela não é mais, como em Garat, uma ciência cujo único fim é estabelecer um método universal (a análise), mas deve também se inscrever, segundo as palavras de Cabanis, numa “ciência do homem”, numa “antropologia”¹¹.

O que se entende em Paris, no ano IV da República, por “antropologia” ou “ciência do homem” é algo bem diferente do que Hume

10. Ver JOLLY, C. Introdução a Destutt de Tracy, “Éléments d'idéologie”. In: *Oeuvres complètes III*, p. 09.

11. CLAUZADE, L. *L'idéologie ou la révolution de l'analyse*. Paris: Gallimard, 1998, pp. 28 – 29.

chamara de "ciência da natureza humana" e não tem nada a ver com o que Kant chama de "antropologia". Para Cabanis como para Tracy, o homem é, antes de tudo, um ser natural, que age por instinto antes de ter o conhecimento de regras. Condillac, Garat e Sicard haviam dito o mesmo, sem, contudo, dar o passo seguinte. Mantendo-se prudentemente dentro das fronteiras da filosofia como discurso que versa a condição de possibilidade do conhecimento, Condillac jamais ousara afirmar a pertença integral do homem ao mundo natural a ponto de considerar, como faz Cabanis, que o estudo do homem é um ramo da filosofia experimental (ligado ao tronco da fisiologia), ou, como Tracy, de concluir que a Ideologia é "uma parte da zoologia". Essa última afirmação, feita no "Extrato ponderado dos *Elementos de ideologia*" (1804), prenuncia a *Philosophie zoologique* de Lamarck (1809).

O engate da Ideologia na zoologia nos põe bem distantes da semiótica projetada por Condillac a partir das indicações de Locke na conclusão do *Ensaio sobre o entendimento humano*. Com efeito, em Tracy a ciência dos signos é subordinada a uma teoria da sensação, em que o pensamento, que Condillac deduzira da sensação mesma, desponta agora como potencialidade independente da afecção sensível, e que se exerce, portanto, em algum grau, anteriormente à aquisição de signos (dado que esta resulta da interação entre imaginação e sensação)¹². Uma tese similar a essa fora sugerida por Condillac no *Tratado das sensações*, mas não fora desenvolvida nas obras que se seguiram. Na versão proposta por Tracy, encontra-se o germe de certo dualismo, que o filósofo se empenhará em resolver nos *Elementos* e que está na origem do espiritualismo de antigos adeptos da Ideologia, em especial Degérando e Maine de Biran.

Ora, como mostra Élisabeth Schwarz em estudo definitivo a respeito¹³, esse aparente retrocesso no campo da teoria dos signos consagra, ao mesmo tempo, o fim da gramática geral, de que Condillac fora o derradeiro representante, e anuncia uma ruptura com o saber clássico, ou mais precisamente com uma de suas vertentes, o empirismo, que, desde Locke, andava de mãos dadas com uma ciência dos signos. A elaborada reflexão de Tracy, nos *Elementos de ideologia*, sobre a natureza dos signos e da linguagem, está ancorada não numa teoria

12. Ver CLAUZADE, L. *L'idéologie ou la révolution de l'analyse*, pp. 143 ss.

13. SCHWARZ, E. *Les Idéologues et la fin de la grammaire générale*. Lille: Service de reproduction de thèses, 1978.

da sensação, mas sim no postulado – esboçado por Condillac – de que toda atividade humana se explica, em última instância, pelo “feitio” (*organisation*) natural do homem. A afecção de objetos exteriores não incita a utilização de signos; esta decorre de capacidades fisiológicas, de uma configuração natural que o homem amplia e desenvolve, num movimento do qual nasce o mundo da cultura.

A tese de que haveria uma ruptura entre Ideologia e saber clássico não é, porém, consensual entre os estudiosos. Foucault, numa das poucas passagens de *As palavras e as coisas* que está ao abrigo da pecha de imprecisão histórica, traçou um vivo painel do contraste entre “a última das filosofias clássicas” e a filosofia que inaugura a modernidade:

A coexistência, no final do século XVIII, da Ideologia e da Filosofia Crítica – de Destutt de Tracy e de Kant – partilha, sob a forma de dois pensamentos exteriores um ao outro mas simultâneos, o que as reflexões científicas mantêm numa unidade destinada a dissociar-se dentro em breve. Em Tracy ou Degérando, a Ideologia se apresenta ao mesmo tempo como a única forma racional e científica que a filosofia possa revestir e como o único fundamento filosófico que possa ser proposto às ciências em geral e a cada domínio singular do conhecimento. Ciência das ideias, a Ideologia deve ser um conhecimento do mesmo tipo que aqueles que se dão por objeto os seres da natureza, ou as palavras da linguagem, ou as leis da sociedade. Mas, na medida mesma em que tem por objeto as ideias, a maneira de exprimi-las em palavras e de ligá-las em raciocínios, ela vale como gramática e lógica de toda ciência possível. A Ideologia não interroga o fundamento, os limites ou a raiz da representação; percorre o domínio das representações em geral; fixa as sucessões necessárias que aí aparecem; define os liames que aí se travam; manifesta as leis de composição e decomposição que aí podem reinar. Aloja todo o saber no espaço das representações e, percorrendo esse espaço, formula o saber das leis que o organizam. É, em certo sentido, o saber de todos os saberes. (...) A análise da representação, no momento em que atinge sua maior extensão, toca, em sua orla mais exterior, um domínio que seria mais ou menos – ou antes, que será, pois não existe ainda – o de uma ciência natural do homem. Por diferentes que sejam pela forma, pelo estilo e pelo intento, a questão kantiana e a dos ideólogos têm o mesmo ponto de aplicação: a relação das representações entre si. Mas essa relação – o que a funda e a justifica –, Kant não a requer ao nível da representação, interroga-a na direção do que a torna possível em geral. Ao invés de fundar o liame entre as representações por uma escava-

ção interna que o esvaziasse pouco a pouco até a pura impressão, estabelece-o sobre as condições que definem a sua forma universalmente válida. Dirigindo assim sua questão, Kant contorna a representação e o que nela é dado, para endereçar-se àquilo mesmo a partir do qual toda representação, seja qual for, pode ser dada¹⁴.

Concorde-se ou não com a tese geral defendida por Foucault nessa passagem, permanece válido o contraste proposto entre Ideologia e Crítica. Além de instrutivo, o quadro desenhado fornece o programa de uma investigação, de cunho histórico-filosófico, sobre eventuais documentos que pudessem atestar, de fato, a rivalidade entre os dois projetos filosóficos que rivalizam no ocaso do Século das Luzes. Pois, em certa medida, é da herança das Luzes que se trata em ambos. Infelizmente, Kant nunca disse palavra acerca dos *idéologues*, nem mesmo de Condillac (muito lido na Alemanha de seu tempo). Em compensação, a crescente reputação do filósofo alemão não tardou a chegar a Paris, onde a Crítica foi examinada justamente por aqueles que mais razão tinham de recear a sua influência.

O fato de a Alemanha ser um país periférico no mapa das Luzes talvez explique porque os franceses não tenham se dado ao trabalho de ler Kant no original. Com pouquíssimas exceções, contentaram-se com exposições de segunda mão. Será preciso esperar por Madame de Stäel para advertir os franceses de que Kant, por ser um grande estilista da língua alemã, só pode ser compreendido adequadamente pelos conhecedores desse idioma¹⁵. Para os *idéologues*, porém, o ato da leitura não deixa de ser um embaraço. Como diz Tracy, "os signos, por mais vantajosos que sejam, têm inconvenientes", o principal deles sendo a opacidade desses meios de representação, que não têm nada em comum com as ideias¹⁶. Mais vale, portanto, na leitura de uma obra de filosofia, guiar-se por certo tino conceitual do que se deter na forma da exposição. Um *abregée* competente da *Crítica da razão pura* pode valer mais do que a obra mesma, principalmente se o objetivo de quem o lê for não refutar uma doutrina e sim marcar posição em relação a ela. Por isso, Tracy, autor de um "Extrait raisonné" dos *Elementos de*

14. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, "Os limites da representação". Trad. Salma Tanus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1990, pp. 256 – 57.

15. STÄEL, M. de. *De l'Allemagne*, cap. XIX: "Kant". Paris: Gallimard Poche, 1990.

16. DESTUTT DE TRACY, "Elementos de ideologia", I. In: *Oeuvres complètes*, III, p. 260.

ideologia (a título de “*tableau analytique*” da obra) não hesita em recorrer, em sua comunicação “*De la métaphysique de Kant*” (1802), ao livro de J. Kinker, “*Essai d'une exposition succinte de la Critique de la raison pure*” (Amsterdã, 1801)¹⁷, em busca de um *tableau analytique* que Kant não ofereceu (os *Prolegômenos* são outro livro, não um apanhado da *Crítica da razão pura*).

Tracy, endereçando-se aos “cidadãos da república” (estamos no sétimo floreal do ano 10 da Revolução), começa elogiando as virtudes de Kant, que além de “célebre por um grande número de obras, justamente estimadas, de muitos gêneros”, contribuiu “para o progresso das luzes e para a propagação de ideias saudáveis e liberais”. Os alemães, contudo, parecem não ter compreendido esse espírito, pois “professam a doutrina de Kant como se estivessem professando a doutrina teológica de Jesus, de Maomé ou de Brama”. Confundem assim a qualidade do pensamento com a “autoridade do homem”, e na virada do século estão na mesma situação que os franceses de outrora, embasbacados com o pensamento de Descartes, cegos para a ciência de Newton¹⁸. Por essa mesma razão, os alemães condenam em bloco os franceses como “discípulos de Condillac”, ignorando, todavia, que “não são as decisões de Condillac que nós respeitamos, é o seu método que mais nos importa (...), por mostrar, melhor que qualquer outro, no que consistem a clareza das ideias e a justeza do raciocínio”. Essas considerações justificam que se submeta, como fará Tracy ao longo de sua conferência, “o sistema alemão” ao crivo do “método francês”¹⁹.

O exame da filosofia de Kant empreendido por Tracy é marcado por numerosas imprecisões e erros, que poderiam ter sido facilmente evitados com a leitura, mesmo que superficial, da *Crítica da razão pura* (que Tracy alega ter consultado, na versão em latim). O mais flagrante é a declaração de que Kant nada diz acerca da faculdade que Tracy considera a mais importante na formação dos conhecimentos: o juízo²⁰. Mesmo supondo que Tracy tivesse lido a “*Análítica dos princípios*”, não encontraria ali motivos para rever substancialmente essa posição,

17. Kinker é um dentre os muitos estudiosos da filosofia de Kant na Holanda à época; ver a respeito Le ROY, A. *Jean Kinker. Sa vie et ses travaux*. Paris: 1867.

18. DESTUTT de TRACY. *Mémoire sur la faculté de penser/De la métaphysique de Kant*, ed. Anne e Henry Deneys. Paris: Fayard, 1978, pp. 244-45; 247-48.

19. Idem, pp. 246-47.

20. Idem, pp. 257-58.

dado que aquilo que Kant chama de juízo não é bem “a faculdade elementar e radical (...) de sentir a conveniência ou inconveniência ou, numa palavra, as relações entre uma representação e outra”²¹. Em vista de um “erro” tão acertado como esse, não surpreende encontrar, no cerne da conferência de Tracy, uma afirmação que mostra, de maneira incontestável, que o filósofo francês estava perfeitamente ciente do que opõe a Ideologia à Crítica. Foucault está certo: a rivalidade entre esses dois projetos filosóficos é explicada pela aspiração, compartilhada por ambos, de se elevar à condição de árbitro supremo nas decisões referentes à natureza, à origem e aos limites do conhecimento humano. Tracy reconhece que Kant faz contribuições valiosas para a filosofia. Não é o conteúdo da Crítica que o incomoda; é a pretensão de examinar o conhecimento a partir de uma instância exterior à experiência.

O que se entende por esse *conhecimento puro que possuímos em nós mesmos antes que a experiência tenha ativado a nossa faculdade de conhecer*? Seria o conhecimento dessa faculdade em si mesma, tomada no exame de seus próprios atos? Mas então seria o resultado da ação de nossas faculdades intelectuais, empregadas na descoberta de seus procedimentos, de suas leis, de seus limites, por meio do estudo de seus efeitos. Esse conhecimento *pretensamente puro* constituiria, e na verdade constitui, a *ciência ideológica*. Pode-se, se assim se preferir, classificar sob o nome de *conhecimentos de experiência* todas as outras partes da física, vale dizer, o conhecimento de todos os seres que afetam a nossa inteligência. Mas o primeiro desses conhecimentos é um conhecimento experimental, uma ciência de fatos, assim como o segundo: e, portanto, a *crítica* (ou exame) da *razão pura* é um tratado de ideologia, e isso, efetivamente, é o que ela deve ser²².

É óbvio que Tracy reduz assim a *Crítica da razão pura* a um livro de epistemologia, ou melhor, a uma lógica dos princípios do conhecimento, ignorando por completo a importância da *Dialética transcendental* na arquitetura da obra. Sem mencionar a banalização do significado do termo *crítica*, que Tracy emprega em acepção cartesiana de *exame*, que não é senão uma das significações inscritas no uso de Kant, muito mais sofisticado. Não se deve esquecer, porém, que Tracy, além de escrever no calor da hora, utiliza uma fonte de segunda mão – ate-

21. Idem, p. 257.

22. Idem, p. 263.

nuantes que não podem ser alegados em defesa dos inúmeros comentadores de Kant que, muitos anos depois, e até os dias de hoje, cometeram equívocos muito similares, sem, no entanto, apresentar, como contraparte, um sistema filosófico coerente e original. Em todo caso, a redução da *Crítica da razão pura* a um "tratado de ideologia" é muito astuciosa: esvazia a obra de suas pretensões hegemônicas, ao desautorizar a instauração da instância transcendental.

A perspicácia de Tracy se mostra ainda na compreensão – que escapa a muitos comentadores de Kant – da importância da "Estética transcendental" para a constituição de uma "teoria da experiência" (e, conseqüentemente, para uma crítica da metafísica clássica). É aqui, no plano de uma investigação sobre a natureza da afecção sensível, que deve se decidir o embate entre Ideologia e Crítica. Não por acaso, nesse mesmo ano de 1802, Degérando, ainda perfilado à Ideologia, dedica um capítulo inteiro de seu tratado *De la génération des connaissances humaines* a uma crítica da doutrina exposta por Kant na "Estética transcendental", intitulado "Exame do sistema de Kant sobre a geração das ideias" (e não da intuição sensível, como prefere Kant)²³. Para Tracy e Degérando, o equívoco de Kant e dos seus discípulos é ignorar "a maneira como formamos as ideias de *extensão* e de *duração*, e por conseguinte, também aquelas, mais compostas, de *espaço* e de *tempo*, que se formam a partir delas". Bastaria, para "desfazer esse embaraço, decompor essas ideias gerais, examinar as ideias elementares de que elas são extraídas, e chegar aos primeiros fatos, às percepções simples, às sensações de que elas emanam", ou então, na falta disso, "suspender o juízo e renunciar à explicação de algo que não se pode conhecer claramente"²⁴. Para Tracy, termos como "forma", "puro" e "transcendental" não significam nada, são "abstrações", ou puro jargão, que os alemães utilizam movidos por um preconceito contra "o método simples" da análise. A acusação não é nova. Fora feita por Condillac, em 1746, contra Wolff. Embora compartilhe com este a concepção de que os signos são essenciais ao pensamento, Condillac o censura pelo método sintético com que demonstrar essa doutrina, que exigiria, ao contrário, para ser confirmada, uma paciente gênese das faculdades

23. Ver a respeito AZOUVI, F. e BOUREL, D. *De Königsberg a Paris. La réception de Kant en France*. Paris: Vrin, 1991.

24. DESTUTT de TRACY. *Mémoire sur la faculté de penser/De la métaphysique de Kant*, pp. 270 – 71.

do pensamento a partir da sensação²⁵. Vem de longe, portanto, a incompatibilidade entre os dois grandes projetos filosóficos que aspiram à hegemonia no ocaso do Século das Luzes.

No mesmo ano em que Tracy pronuncia a sua conferência e Degérando publica o seu tratado, Charles de Villiers se apresenta como adepto da filosofia kantiana, em *La philosophie de Kant*. Resenhando esse compêndio poucos meses após a sua aparição, Friedrich Schlegel dirá – não sem alguma ironia – que

A oposição [entre Crítica e Ideologia] não existe (...). É óbvio que na Ideologia francesa dificilmente se encontra algo que o idealismo não possa aceitar, especialmente quando é tratado com a precisão e o espírito verdadeiramente científico que se observam no *Projeto de Elementos de ideologia*, de Destutt de Tracy (...). A Ideologia seria, na verdade, uma excelente introdução aos princípios da filosofia transcendental, tarefa que os autores alemães negligenciaram²⁶.

A ideia um pouco inusitada de que um sistema de filosofia pudesse ser *introdução* a outro vai muito além do ecletismo (a Ideologia *prepararia* o leitor para a Crítica). Schlegel se refere, entretanto, ao *projeto* de Tracy, não ao livro mesmo, *Elementos de ideologia*, obra volumosa que, na concepção do autor, teria nove ou dez partes (cinco foram escritas, e publicadas entre 1801 e 1815).

No judicioso plano das obras completas de Tracy, organizadas e editadas por Claude Jolly, os *Elementos* ocupam os volumes 03 ("A ideologia propriamente dita"), 04 ("Gramática"), 05 ("Lógica") e 06 ("Economia", "Moral"). O volume 01 contém os primeiros escritos (incluindo uma resposta a Burke) e o relatório sobre a educação e a instrução pública, o volume 02 reunirá os ensaios (dentre eles o discurso sobre a metafísica de Kant), o volume 07 trará o comentário sobre o *Espírito das leis* de Montesquieu, e o volume 08 será dedicado à correspondência. Como não há, no primeiro volume, uma exposição do plano geral da edição, ficamos sem saber se terão ou não lugar, nessa edição que se autodenomina "completa", importantes documen-

25. CONDILLAC, E. B. Condillac, *Essai sur l'origine des connaissances humaines*, I, 04, 02, parágrafo 27. Paris: Galilée, 1973.

26. Citado por AARSLEFF, H. *From Locke to Saussure. Essays on the study of language and intellectual history*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971, p. 351.